

AS EVIDÊNCIAS DE JORGE DE SENA: A Poesia como Testemunho do Biográfico e do Histórico

Gilda Santos

O convívio, já largo, com a obra de Jorge de Sena me ensinou que, nela, o *tempo* — quer na sua dimensão pessoal/biográfica, quer na sua dimensão cultural/histórica — desempenha função nuclear. E não será por outra razão que o próprio autor resumiu na palavra *testemunho* a sua poética. De 1938 a 1978, dando testemunho de *si*, do *Outro*, do *Mundo*, sob as coordenadas circunstanciais de um tempo (de que o espaço é correlato), Jorge de Sena cumpriu seus “40 anos de servidão” ao literário. Estas constatações levaram-me à certeza de que, para ler bem este autor, é preciso convocar ao diálogo muitas e várias esferas do conhecimento.

Dentre estas, desvalorizadas até bem pouco tempo pelos estudos críticos, as questões biográficas e os escritos pessoais.

Foi preciso que os tempos estruturalistas findassem para que os novos ares, ditos Pós-Modernos, pusessem em questão os cânones do objeto literário e reintroduzissem nos palcos da produção teórica vasto material longamente relegado ao desdém. Graças a Alain Girard, Philippe Lejeune, Georges May, Béatrice Didier e muitos outros, não esquecendo o sempre lúcido Barthes, as cartas, os diários e todos os escritos da intimidade foram alçados à condição de *digno* objeto de análise e, sem pejo, puderam ser aproximados dos textos “propriamente” literários originados da mesma pena.

Adivinhando toda esta vaga, escrevia Jorge de Sena em 1971:

Não creio que, nos tempos de hoje, se possa honestamente fazer ficção e outra coisa [senão autobiografia], se se quer falar do mundo em que vivemos e da vida que nos foi dado ter, ou a que nos foi dado assistir, nele. Mas seria um erro pensar-se, como correntemente se pensa, que a fantasia não é feita da mesma matéria (...). Como seria igualmente um erro pensar-se que, na confissão memorialística, é que necessariamente

as pessoas se nos recontam mais. Por paradoxal que pareça, só pode contar tudo quem tiver muito pouco para contar. (*Os Grão-Capitães*. 3 ed. Lisboa: Ed. 70, 1982, p. 17)

Com estas idéias, fui ao encontro do espólio do autor de *Metamorfoses*. E a primeira reação foi de *assombro* diante das suas dimensões descomuns, que ultrapassaram todas as minhas expectativas.

Nos inéditos, todos de interesse para meu projeto, surpreende o volume da correspondência: cerca de 5.000 cartas escritas por Jorge de Sena (só as dele) repousam, a custo, nos abarrotados gavetões de arquivo, organizadas em pastas por Mécia de Sena. E aí se lêem os nomes de interlocutores do calibre de José Saramago, Óscar Lopes, Antonio Ramos Rosa, José Blanc de Portugal, Eugénio de Andrade, Adolfo Casais Monteiro e muitos outros. (Lembro que a correspondência com Eduardo Lourenço e com Vergílio Ferreira — ambas extraordinárias — já estão editadas). Importantíssima também e apenas fracionalmente dada à luz, a correspondência Jorge/Mécia, que excede as 3.000 cartas (dos dois).

Depois de despender várias semanas lendo com avidez esses escritos pessoais do autor cheguei, pelas mãos sempre solícitas de Mécia de Sena, a um diário de 1953-1954 (apenas parcialmente dado à luz), em que o autor registra, poema a poema, a escritura do livro *As Evidências*, publicado em 1955. Constatando que pouquíssimo material crítico existe sobre essa obra, decidi-me, então, a estabelecer um diálogo entre esses dois textos — o diarístico e o poético.

Pela leitura do diário depreende-se, além da situação pessoal amargurada do autor ao tempo da escritura, todo um painel do Portugal citadino sob a ditadura salazarista. É isto ressurge, metamorfoseado pela linguagem poética, na obra em causa. Para enriquecer e aprofundar a pesquisa, fiz um levantamento ainda de toda a correspondência passiva e ativa compreendida (e registrada aí) no período do diário, bem como do trabalho ensaístico que Sena desenvolvia paralelamente. Do cruzamento de todos esses dados, quero crer que estudo um momento capital no processo de amadurecimento artístico do autor.

Não cabe neste espaço tecer considerações teóricas sobre o *diário*. Mas retenhamos apenas, para posterior retomada, as seguintes observações de Beatrice Didier¹: 1) o diário está, com frequência, ligado a uma situação de isolamento, carceral ou de exílio; 2) há, por vezes, uma condição de marginalidade na atividade diarística; 3) nota-se que, não raro, a escrita diarística corresponde nos artistas a períodos de menor inspiração.

O diário de que trato — sem qualquer justificativa explícita para essas datas — é começado em 23 de agosto de 1953 e encerra-se em 20 de outubro de 1954.

Ao longo desses 14 meses, encontramos aí um Jorge de Sena com 33/34 anos, pai de família com 4 filhos, engenheiro da Junta Autónoma das Estradas, na altura envolvido também na comissão da ponte sobre o Tejo, que, sendo “intelectual” no tempo que lhe sobra, vai registrando no pequeno caderno de 9 x 15 cm as suas leituras, a sua correspondência, a música que ouve, bem como as traduções, os artigos de jornais e as referências com que tenta aumentar o parco orçamento doméstico. Tudo num ritmo e numa intensidade difíceis de crer.

Sobra pouco tempo para os encontros nos cafés e para reuniões mundanas em que pode avistar-se com os intelectuais de seu tempo e com eles discutir os assuntos que dia-a-dia os afetam, como, por exemplo, os rumos dos *Cadernos de Poesia*, de que, na altura, continuava a ser um dos diretores. Ainda assim, nomes de muitos coetâneos passam por essas páginas, ora com comentários de apreço, ora de desagrado, pois o passional, como sabemos, manifesta-se em tudo que Sena toca. E move-o também, no anotar de suas observações, a intenção de vir a usá-las num futuro romance, o *Monte Cativo* que explicitamente nomeia.

Cheio de detalhes, o painel de um Portugal citadino, sofrendo os tempos plúmbeos, emerge desses registros quase sempre feitos à noite, em casa, depois de cansativa jornada “no trabalho”, ao som da Emissora Nacional ou da BBC captada em ondas curtas pela “telefonía”, já que o “gira-discos”, para seus proventos, seria luxo exorbitante.

Havia mais de um mês — desde 6 de julho — que Jorge de Sena não escrevia poesia, quando deu início ao seu diário. E assim permanece até fevereiro do ano seguinte (o que perfaz 7 meses). Como explicar essa crise de criação em poeta tão fértil? Melhor usar palavras suas, que dão conta do estado de ânimo que o diário bem reflete:

- Esgotado com reunião da Ponte e o diabo... (1/10/53)
- Pela manhã, fui votar pela primeira vez na minha vida — apenas para fazer o número que será necessário falsificar a esta tropa fandanga... para ganharem, ora essa! (8/11/53)
- Cansaço, imenso cansaço e tristeza (21/11/53)
- Desesperado, humilhado, consolei-me ouvindo [música] à noite (...) Quem me manda a mim sonhar com Índias, mísero e poeta, num país de loucos? (21/12/53)
- Telefonou o Saraiva a contar que esteve preso desde domingo até ontem (25/12/53)
- Num estado de cansaço insuportável (tanto trabalho, tanta arrelia), parei de traduzir para ouvir o concerto de violino (28/12/53)
- Dia exaustivo, de perder a paciência (...) Vinte vezes, desesperado, desejei mandar à merda esta corja de alarves que são sapientes, ilustres, etc. mas alarves. (3/3/54)

Depreende-se, pois, que, sob a pressão do trabalho intenso — para poder manter com o mínimo de decência uma família já numerosa; sob a pressão da censura, cada vez mais rígida, que tudo tolhe, principalmente a quem possui, como ele, exacerbado sentimento de Pátria e de Liberdade; sob o desgaste físico e psicológico a que tudo isso conduz, Jorge de Sena sentia-se mesmo exilado em sua própria terra, inadaptado em relação a seu tempo, incompreendido por seus coetâneos e absolutamente inconformado com tanta exclusão. O diário é seu confidante, na falta de melhor destinatário.

Contudo, Jorge de Sena, como aquele Camões personagem de seu conto “Super Flumina Babylonis”, que nunca será demais citar, “era um grande

poeta, transformava em poesia tudo o que tocava, mesmo a miséria, mesmo a amargura, mesmo o abandono da poesia”². Por isso, Camões “tremendo todo, mas, com a mão muito firme, começou a escrever... (...) E ficou escrevendo pela noite adiante”³. Por isso, Jorge de Sena, como catarse ou sublimação de tanto desespero, deixa-se tomar pelos 21 sonetos de *As Evidências* que, um a um, lhe vão aparecendo durante as dez semanas e meia que vão de 12 de fevereiro a 28 de abril de 1954.

Encontra-se publicado no número 32/33 da revista *Nova Renascença* o fragmento do diário onde registra o poeta a escritura desses sonetos que, como declara em seu prefácio, são fruto de uma “crise de criação que sempre lembrarei com terror e saudade”⁴. Mas não é preciso recorrer aos manuscritos — ilha visual rara de uma torturada e tormentosa elaboração, em meio ao mar de páginas quase sem rasuras que é seu habitual — para se depreender que a aludida crise de criação é contraparte de aguda crise existencial que Sena vivencia.

Mas de que trata esse poema em 21 sonetos? Mas o que evidenciam essas *Evidências* tão pouco evidentes ao primeiro *approach*?

Para começar a responder, é fundamental o relato do autor quanto à “recepção” que o livro sofreu ao ser publicado, por parte do Poder:

O livrinho ficou impresso nos primeiros dias de janeiro de 1955, foi logo apreendido pela PIDE (...) e só pôde ser distribuído um mês depois após repetidas visitas à Censura (...) O livro era, além de subversivo, pornográfico, segundo me repetia sistematicamente, com um sorriso ameno e algum sarcasmo nos olhos (...) suponho que o subdiretor que era um major ou tenente-coronel. Eu contestava que o livro, ora essa, não era nem uma coisa nem outra, e ele, dando-me palmadinhas no joelho mais próximo, dizia: — Ora, ora... nós sabemos. Ao fim de um mês destas periódicas sessões, o livro foi libertado, e para dizer a pura verdade evidente, era realmente subversivo e, se não propriamente pornográfico, sem dúvida que respeitavelmente obsceno.⁵

Cabe perguntar, então, por que seriam subversivos e obscenos esses sonetos que, algo paradoxalmente, receberiam de início o título de *Novo Genesis* (aparece riscado no manuscrito).

Se atentarmos logo no primeiro soneto da série, leremos aí, 3 vezes a palavra *desconcerto*: “Ao desconcerto humanamente aberto / entendo e sinto” (v. 1-2); “meu desconcerto é o desconcerto fora” (v. 13)⁶. Não será ingênuo nesse hábil manejador da linguagem a repetição: com tão camoniano termo, fornece-nos a pista para o processo de denúncia que empreende nessa obra, que, aliás, se acentua e expande no soneto seguinte: “Desta vergonha de existir ouvindo / amordaçado, as vãs palavras belas” (v. 1-2); “desta vergonha de viver mentindo / só porque escuto o que dizeis com elas” (v. 5-6)⁷.

Consciente do desconcerto, vê-se este *eu* obrigado a ser *ouvinte* dessa “gente surda e endurecida” que implantou a “austera, apagada e vil tristeza” no espaço em que vive — eis o que nos revela o poeta nos sete primeiros sonetos, os *sonetos do caos*. Ao finalizá-los, clama por uma “outra vida” (v. 14, soneto VII).

Esta, pode ser dada pelo amor, pelo erotismo, que desenvolto, explode nos sonetos de números VIII a XII (o que, certamente, levou os censores ao confisco do livro):

Rígidos seios de redondas, brancas,
frágeis e frescas inserções macias,
cinturas, coxas, rodeando as ancas
em que se esconde o corredor dos dias:

torsos de finas, penugentas, frias,
enxutas linhas que nos rins se prendem,
sexos, testículos, que inertes pendem
de hirsutas liras, longas e vazias

da crepitante música tangida,
húmida e tersa na sangrenta lida
que a inflada ponta penetrante trila;

dedos e nádegas, e pernas, dentes.
Assim, no jeito infiel de adolescentes,
a carne espera, incerta, mas tranquila.⁸

Eros libertado, como impulso vital, princípio de criação, de construção que é, convoca o *verbo*, a *palavra*, a *poesia* para dar forma ao “mundo novo” — é a reflexão metapoética que se delineia nos sonetos XIII e XIV.

E para ouvi-las não existo, embora
as ouça claramente, na humilhada,

tênue, profunda, vasta e dolorosa,
conquanto doce, humanidade alheia,
que em mim se alberga tímida e receosa.

Assim se escutam vozes. Delicada,
sopra no espírito a formosa idéia,
e encrespam-se as palavras na alvorada.⁹

E nesse mundo, recriado pelo homem, há que recriar também a divindade. Nos sonetos XV a XX, recuando às mais ancestrais formas de paganismo, a voz poética, teogonicamente, faz surgir os *deuses*, faz surgir as *triades*, pairando sobre o novo *cosmo*, agora liberto do desconcerto.

Manhã de glória! — ó deuses, ó imagens,
palavras, gestos, silenciosa crença,
ó plácida ternura das paisagens,¹⁰

Erguem-se as triades: são mais que deuses,
e menos que verdade de os haver.¹¹

Concluída a obra — a grande obra alquímica — uma derradeira meditação: a súplica testemunhal da transmutação, operada pela linguagem poética que se lê no soneto XXI.

Cendrada luz enegrecendo o dia,
tão pálida nos longes dos telhados!
Para escrever mal vejo, e todavia
a dor libérrima que a mão me guia
essa me vê, conforta meus cuidados.

(...)

Perdem-se as letras. Noite, meu amor,
ó minha vida, eu nunca disse nada.
Por nós, por ti, por mim, falou a dor.
E a dor é evidente — libertada.¹²

E o poeta registra em seu diário, em 17 de abril de 1954:

Dias de abatimento incrível (...). Mas o meu cansaço de viver, o terror lento e surdo excedeu tudo o que tenho passado. Não fora o amor da Mécia e não aguentava isto, porque é impossível de aguentar. (...) Mas o que eu tenho sofrido vivendo, para depois me “purgar” no sofrimento de escrever abstrato, essencial, de uma vez para sempre! (...)

Foi escurecendo. E, de súbito, num transe medonho que não me permitiu acender a luz, saiu inteiro o que suponho ser o último soneto.

Finalizo. E finalizo deixando no ar duas perguntas: não será radicalmente *subversivo* este testemunho poético que se metamorfoseia em cosmogonia? Não será repugnantemente *obsceno* o *status quo* que gera sofrimento tão *evidente*?

Notas Bibliográficas

1. DIDIER, Béatrice. *Le Journal Intime*. 2 ed. Paris: PUF, 1991.
2. SENA, Jorge de. “Super Flumina Babylonis”. In: *Antigas e Novas Andanças do Demônio*. 5ª ed. Lisboa: Ed. 70, 1989 p. 166.
3. *Ibidem*.
4. SENA, Jorge de. “Prefácio *As Evidências*”. In: *Poesia I*, 3ª ed. Lisboa: Ed. 70, 1988 p. 180.
5. _____. “Prefácio à 2ª Edição”. In: *Poesia I*. 3ª ed. Lisboa: Ed. 70, 1988 p. 19.
6. _____. “*As Evidências*”. In: *Poesia I*. 3ª ed. Lisboa: Ed. 70, 1988 p. 183.
7. *Ibidem*.
8. *Ibidem*, p. 187 (soneto X).
9. *Ibidem*, p. 189 (soneto XIV).
10. *Ibidem*, p. 190 (soneto XV).
11. *Ibidem*, p. 192 (soneto XX).
12. *Ibidem*, p. 193.